SEC
395921
- 264 -

CASA LAULETTA
LIVRARIA E PAPELARIA
DE
LAULETTA & MAYA
RUA OSWALDO CRUZ, 16
MARANHÃO

Do Mario Joaquim,
a lembrança do
Rafael Pinheiro

A MEUS PAIS

Florianópolis - 14-12-55-

Offereço, dedico e consagro
este livro.

Qui veut vaincre ne peut pas céder.

Ibsen.

Temos bom corpo, irmão; vamos cavar...

Antonio Nobre.

A ROSA BRANCA.— Tenho pena de quem julga a espada mais lisongeira que a lyra. A desillusão de Arthur será tremenda...

A ROSA VERMELHA. — Maior compaixão merece quem considera um soneto superior a um heroismo. Arthur vai cahir fulminado da desillusão...

Armando Erse—BATALHA DE FLORES.

Ao Donato, com a
miração do

Osvaldo Silv

Rio, 6/4.34.

PAPEIS VELHOS

Velhos papeis... de versos. São pedaços
da minhalma, batidos pelo vento,
como as folhas do outomno... Guardam traços
de um tempo, que passou, sem pensamento...

Preso nalgema dos teus alvos braços
teci-os; cada um lembra um momento
do nosso amôr que, por eternos laços,
outrora, nos unia a um firmamento...

Se alguma gloria têm, formosa, é esta:
todos o teu celeste amôr perfuma,
em todos ha tualma em riso e festa !

Velhos papeis, meu ultimo conforto !
sois uma nódoa ephémera de espuma
perdida á face azul dum lago morto...

O MAR

Ouve ! O mar, escarpando as rochas, na agonia
do sol, parece ter na voz o humano accento
de dôr ! Reza, talvez. Vai recolher-se. O dia
se ajoelha e a tarde, em sonho, abraça o firmamento!

Como nós, póde ser que a tristeza e a alegria
o mar sinta tambem; precisa, em movimento,
trazer um coração... Quem sabe o que irradia,
no seu intimo, em doce e azul recolhimento !

Escuta ! Uma onda vem beijar-te os pés. Não ha de calma os seios rasgar sobre os basaltos. Quérulas as ondas todas são. Ouve-lhe a voz. Piedade !

O mar leva-me a crêr que tem paixões mortaes
em que rolam, brilhando, as lagrimas das perolas
e palpita, fervendo, o sangue dos coraes....

MA = TSU

Sobre o leito de sêda azul marinho
com uma paizagem de Youk-San, ridente,
Ma-Tsu dorme e a luz do Sol-Nascente
vem beijal-a amorosa, de mansinho...

Seu morno somno é o de uma flôr olente;
não respira tão leve um passarinho !
Sobre o seu leito, que parece um ninho,
mais azul se desdobra o céo do Oriente.

As margens do Pei-Ho, verdes, bizarras,
doiram-se ao sol; das frondes se desata
a musica nervosa das cigarras...

E sonha Ma-Tsu horas risonhas
que um par de pombas niveas a arrebata
sobre um lago com lotus e cegonhas...

ANJO MORTO

No dia em que ao meu amôr
de azas abertas, vieste,
como os anjos do Senhor,
chorou-me nalma um cypreste,
ó meu pequenino amôr !

Bem vi, entre mil abrolhos,
infeliz rosa-menina,
pela mudez dos teus olhos,
que morrias pequenina...

Sobre o berço alvo e innocente,
que os teus sorrisos doiravam,
os anjos serenamente,
todas as noites baixavam,
com travessura innocente...

E, uma vez, lirio da fonte
que um só dia me sorriste,
beijaram-te a nivea fronte
as azas de um anjo triste !

Nunca mais; de olhos vermelhos,
chorando como os meninos,
deixei de dobrar os joelhos
aos esquifes pequeninos,
de chorar de olhos vermelhos !

Desde então do desconforto
minhalma ficou captiva;
se passava um anjinho morto
ia vêr se estavas viva...

E que praser em segredo
meu peito de pai sentia,
se, depois de tanto mêdo,
tua bocca em flor me sorria
como a dizer-me um segredo...

Dóe-me hoje pensar, Celeste,
que, em tua nivea mansão,
a raiz de algum cypreste
te atravesse o coração...

SINHA'

Vem do passeio matinal, de blusa
de sêda azul, com flores no peitilho;
e o seu passo estudado de andaluza
canta, como um canario, no ladrilho...

A deslumbrada multidão confusa
proclama-a bella, em tréfego estribilho,
e é para os olhos captivar que uza
luvas *gris-perle* e cinto de junquilho!

A saia de surah de um verde-palha
trâe-lhe as formas gentis, e, presa ao cinto,
a *châtelaine* de cascaveis chocalha...

Com o seu sorriso as mais rivaes apouca,
e exhibe a chaga-aberta de um jacintho
vivo, no excelso rouxinol da bocca...

SACRIFICIO

Por teu sereno amor, todas as grandes dôres
sobrehumanas, felíz, supportarei ! Caminhos
abertos como o céo, millionarios de flôres,
deixarei, neste val, por veredas de espinhos...

Ai ! que será de mim quando em breve te fôres
saudosa ! E como vão ficar mortos os ninhos !
Sem teus olhos aqui despirão seus verdores
os valles ! Morrerão de pena os passarinhos !

Quantos tempos, depois que te fôres, a casa
que deixas, guardará teu perfume, adejando
no ar, como se fosse uma invisivel aza!

E eu poderei, aqui, respirando-o, ficar,
vendo-te em tudo o que me cerca, e acreditando
que te foste de mim para não mais voltar?

MORTE DO LIRIO

Fecha-se a tarde: as côres do martyrio
se derramam no céo, por mil palhetas:
choram ramos e extingue-se o delirio
nas almas virginaes das borboletas...

Empallidece sobre o caule um lirio
e morre; gemem ladainhas pretas:
cada bohemio vagalume é um cirio
no coração das roxas violêtas...

Passam gemendo as viraçôes; as rosas
fidalgas, sobre as hastes debruçadas,
de que morreu, perguntam curiosas.

Diz a açucena, o amôr da solidão:
foi o sol que, com sete punhaladas
de seus raios, rasgou-lhe o coração .

SOROR THEREZA

... E um dia as monjas foram dar com ella
morta, da côr de um sonho de noivado,
no silencio christão da estreita cella,
labios nos labios de um Crucificado...

Somente a luz de uma piedosa vela
ungia, como um oleo derramado,
o aposento tristissimo de aquella
que morrera num sonho, sem peccado...

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,
e ninguem soube de que dôr escrava
morrera a divinal soror Thereza...

Não creio que, do amor, a morte venha,
mas, sei que a vida da soror boiava
dentro dos olhos do Senhor da Penha...

BRUXO

Vou, feliz, construir, no paiz dos meus sonhos,
um supremo solar de ricas pedrarias,
assente á beira duns precipicios medonhos,
onde um sol perennal brilhe nas penedias...

Verdes valles em flôr amplissimos, risonhos,
grandes se estenderão, como por bruxarias,
aos meus olhos, assim como as nuvens tristonhos,
e azas de oiro virão cantar nas ramarias!

Guardarão meu solar de radjahescas pompas
mil guerreiros anões, de panoplias de moiro,
que o espaço encherão de clangores de trompas...

E, ao supremo clangor das rutilas inubias,
desfilarão, ao sol, com os seus turbantes de oiro
e tunicas gentis, dez mil escravas nubias ..

CEGO E SO

O inverno vem, cruel, nas frondes cabriolando,
batendo, no arvoredo, a plumagem dos ninhos...
Ai! que será de mim, que não vejo, e ando errando!
Ai! que será de vós, azas de passarinhos!

Vai-se-me a alma nos ais tristes, de quando em quando,
e estes ventos crueis! e estes frios caminhos!
Só cardos os meus pés pizam, se ensanguentando...
Não sei para que o ceo fez invernos e espinhos!

Ja nem mais minhas mãos erguer ás nuvens oiso !
Nos meus labios se esváe a voz apunhalada...
Quem me dera encontrar as tres palhas de um poiso !

O inverno para mim tem geleiras de brazas...
Se ainda ninhos houvesse ahi numa ramada,
e eu pudesse caber dentro de duas azas !

CASTELLO ASSOMBRADO

Meu desolado coração parece,
cheio de ruinas, um solar de outrora,
em cujos torreões somente cresce
a solitaria parasita agora...

Desde que a noite, entre pavores, desce
ao vir cantando, pelo espaço, a aurora,
um bando de visões nelle apparece
e, ás vezes, nelle, uma guitarra chora!

São as almas dos meigos Trovadores
tristes, cantando ás castellãs amadas
os rimances azues dos seus amores

e as aventuras dos combates moiros...
Passa, beijando as cruzes das espadas,
o bando regio dos fidalgos loiros...

A SAUDADE

A aza que voa é mais feliz
Que nós, que, em lagrimas, amamos...
Que a nossa bocca triste diz?
tristes lyrismos sem matiz
e sem as operas dos ramos...

Quanta distancia nos separa!
(Tristes mares! tristes céos!)
A minha dor é tão amara,
ó minha doce lua clara!
ó meu adeus! qual meu adeus...

Bem me disseram que partias,
deixando um leito sem piedade...
E vão passando sempre os dias...
Porque não vens com as alegrias,
estatua branca da saudade?

Este violaceo sentimento
nasce do nosso triste amor:
é um riacho de lamento,
um rio de padecimento
tão grande como a minha dor...

Nós somos dois incomprehendidos,
dois tristes pobres desolados,
de tanto amor, ja sem sentidos,
por entres lagrimas perdidos,
dois corações amortalhados!

Vejo-te, em lagrimas, distante...
ai! tão distante como o sol!
Triste Saudade, minha amante,
tu és a nuvem mais brilhante
do meu intermino arrebol!

Sempre em meus olhos, a tristeza,
pungidos pela impiedade!
E o meu amor é a natureza,
pungido assim, nesta aspereza,
de saibros roxos de saudade...

D. MYSTICA

Quando a morte velar os meus olhos e as minhas
mãos tremerem nas mãos, que me estendes, nervosas,
seja o meu beijo, ó flor, o ultimo ! nas rosas
do teu rosto ! Sonhei que á minha morte vinhas . .

Hei de, em ancias crueis, cingir-te e, com as chorosas
crenças nalma a emigrar com azas de andorinhas,
dizer-te o meu adeus, o ultimo ! nas vinhas
ouvindo o soluçar das rôlas amorosas !

E se dos olhos teus, no sagrado transporte,
na agonia, rolar uma lagrima viva,
então verei o céo antes de ver a morte !

Santa, a sombra já vem, nos olhos tenho-a aberta !
e uma alma que viveu de uma outra alma captiva,
nem nas nuvens do céo pode viver liberta !

DOCE BEM

Quando, dentro de nós, o amôr em bens desfeito,
abre as azas de luz e, em sonhos, rouxinola,
parece que as manhãs nascem do nosso peito
e que do nosso olhar Deus, sonhando, se evola ..

O mundo para nós torna-se mais estreito
e a propria dôr cruel de espinhos nos consola;
dentro da nossa voz ha um pombal satisfeito
como na voz de um pobre ao beijar uma esmola...

Que seria de mim, alma feita de escombros,
se o amor, o claro amôr, o eterno amor, o amôr
a purpura da fé não me prendesse aos hombros?

Abraça-me, que o amor vem dos teus braços! Vem
sorrir-me, que abre o cèo para nós, alma em flor,
as portas de oiro e sol de outra Jerusalém...

SALOMÉ

Sob o raro esplendor da tua mão direita,
de joelhos, atravesso os saibros da existencia,
pela senda cruel das lagrimas, estreita
demais, para conter minha dor na eminencia !

Aurea Porta do Céo, onde o arrebol se deita
possues dos astros bons a luz, a vida, a essencia !
Os teus seios em flor, que o meu beijo respeita,
são dois roseos rosaes em rosea florescencia ..

Ha no teu triste olhar a nevoa azul dos mythos
e o vivo resplendor das auroras supremas
que incendeam, no ceo, os vergeis de eucalyptus...

Só tu enches de sol minhas crenças remissas,
e lembra o teu candor, que me traz sob algemas,
hostias, cirios, altar, thurybulos e missas!

ROSA MORTA

Quando morreu meu bem, só de tristezas,
os ninhos se calaram, pelos galhos;
exhalaram-se os ramos, nas devezas,
e exhalaram-se os lirios dos atalhos...

Seus olhos, que eram humidas turquezas,
no candor eram limpidos orvalhos,
olhos bonitos de enciumar princezas...
olhos bonitos de enciumar serralhos!

Essa tristeza, que, em meus olhos, arde,
é como a que das nuvens de oiro desce
sobre os pombaes, em lagrimas, de tarde!

Saudade, ó doce bem que me confortas!
perfuma para sempre a minha prece
ás almas brancas das roceiras mortas!

MUSA IMPOLLUTA

Casta como tu és, de corpo e de alma, casta
nos sonhos e no olhar, dessa ampla astral brancura,
o proprio orvalho, a propria luz dos sonhos basta
para manchar-te o corpo e manchar-te a alma pura!

No mundo, onde o desejo as almas, mau, vergasta
e enlaça tudo como a serpe da Escriptura,
fazes, limpa, lembrar, na fé que ao bem te engasta,
um lirio que sorri sobre uma cova escura...

Não te seduz o mal com os seus vis resplendores...
Vives sem culpa como a alma que se desata,
ás bençãos do luar, do coração das flôres!

Jamais roçou-te a fronte a aza irial dos vicios,
e nunca os joelhos teus dobraram-se na oblata,
nem morderam-te o corpo os pregos dos cilicios!

SANTA

Santa ! O teu nome, que é do céo, destila
o mel sagrado dos sagrados favos;
dentro delle o crepusculo deslisa
e ha threnos de oiro de canarios flavos !

Vendo-te, odeio essa mundana argila
de fructos varios de exquisitos travos
e nos meus olhos brilha a luz tranquilla
do amôr que faz dos corações escravos...

Toda tu és amôr, sonho e pureza!
Fazes lembrar aos corações sangrados,
entre as nuvens do céo, Santa Thereza...

Santa! O teu nome é o meu tormento. Pensa!
Vivem sempre os meus olhos deslumbrados
nos legendarios marmores da Crença...

ANCIA INNOCENTE

Ai ! como bom para nós dois seria
se o bom Deus, dessas lendas milagrosas,
cheio de amor, nos concedesse um dia
dois brancos pares de azas vaporosas !

Não sei mesmo, de alegre, o que eu faria !
Deixando os lirios e deixando as rosas,
feliz comtigo ás nuvens subiria
para o noivado em flôr das nebulosas...

Na caricia de pluma de uma Trova,
Viveriamos nós, nós dois sósinhos,
lá nas terras fieis da Lua-Nova...

Morrer longe dos homens e das casas !
Se Deus nos désse, como aos passarinhos,
dois brancos pares de travessas azas !

O AMOR

Quando tuas azas cor de rosa,
doidas bateram no meu seio,
toda a minhalma tediosa
tremeu na haste luminosa
do sonho, azul como um gorgeio !

O amor, é um limpido caminho
que vae direito dar no céo,
mas voa como um passarinho...
Porque deixaste-me sosinho
dessa saudade sob o véo ?

Não sabe o mundo o que è o amor...
E' ineffavel o sentir !
Por toda parte ha espinho e flor...
Minha alegria e minha dor,
onde te posso descobrir ?

Amiga ! quando eu poderei
ver-te ? não basta de impiedade ?
Ai ! nunca mais te esquecerei !
Como mais dias viverei
por essa intermina saudade ?

A minha bocca é da amargura
da sêde amarga do Calvario !
Ai ! porque a vida tanto dura ?
Sejas bemdita, ó sepultura,
triste silencio mortuario !

O amor ! o amor é a tua imagem,
amiga: o beijo e a ingratidão !
Outrora á nossa aurea passagem,
pela esmeralda da ramagem,
que mundos suaves de canção !

Quando voltares, nosso ninho
um anjo bom perfumará...
(Ha quanto tempo estou sosinho !)
O sol, em pompas, teu caminho
de sonhos nuveos doirará !

SONHO ALADO

Quando minha, meu bem, somente fôres,
que podermos viver, nós dois, sósinhos,
iremos habitar, num céo, juntinhos,
um doirado chalet de luz e flôres...

Virão, deixando a tepidez dos ninhos,
nos despertar, aos matinaes fulgores,
do nosso sonho rútilo de amôres,
azas flebeis de luz, os passarinhos.

Andaremos, á luz das madrugadas
plenas, correndo pelos campos fóra,
tendo, no peito, um mundo de alvoradas...

E, ao voltarmos, os teus cabellos pretos
virão loiros dos osculos da aurora
e os meus labios repletos de sonetos...

OLHOS DE AMOR

Volve-me os olhos limpídos! que um raio,
vindo do sol dos teus olhares, canta
nos meus sonhos assim como a garganta
de uma ave dentro do calor de Maio!

Ha dos teus olhos sob os cilios, quanta
luz ha nos céos em que te vendo, caio...
Vives em mim num limpido desmaio,
santa nos beijos e nos olhos santa!

Trazes no olhar, em milagrosos traços,
o rimance irial do meu passado
feito de beijos, lagrimas e abraços...

Volve-me os olhos de saudade cheios !
Brilha o meu sonho, em sonho, alcandorado
nas torres de marfim dos teus dois seios !

ARTE

Eleita do luar, prende-me aos braços ! Quero
apertar-te no ardor das ancias criminosas !
Parece o teu olhar um vivo reverbéro
de sol, num lago azul, desespero das rosas !

Tremo ao beijar-te os dois fructos do seio ! O austero
das linhas sensuaes do teu corpo, radiosas,
faz lembrar as visões que, entre sonhos, espero
e as estatuas sem côr das dryades chorosas...

Da-me a beber o mel de teus labios vermelhos,
que os desejos em mim, como infernos, crepitam
e eu tremo ao te beijar da fronte aos alvos joelhos !

Quero exhalar-me, assim, nos teus braços, exangue,
beijando-te, a sonhar, as formas, que palpitam,
estendido na cruz de espinhos de teu sangue !

REGRESSO DE MAIO

Maio! Azas, ao céo! O' larangeiras,
cobri-vos todas de botões sagrados!
Ninhos, hosanna! Ao cèo cantai, roceiras,
o mez das orações e dos noivados

Mansos lagos de limpidas esteiras,
ao vir e ao pôr do sol, de oiro plissadas,
brilhai! Subi, cantigas e poeiras,
pelos ares de beijos perfumados!

Maio! Ha sonhos nos olhos das violetas,
e, de alegria, partem-se, na estrada,
as azas virginaes das borboletas...

Foi-se a tristeza funeral dos goivos!
Passa a imagem do sonho, immaculada,
dentro dos olhos humidos dos noivos...

. . . . . .

ROMANA

Cega-me esse esplendor de antigas ruinas,
que, nos teus sonhos, entre as nevoas de idos,
tempos, brilha, lembrando as cesarinas
féras, circos e porticos partidos...

Ha nos teus olhos, de expressões divinas
os favos bons dos fructos prohibidos
e o veneno das cousas levantinas
que labios queima e que entorpece ouvidos!

Quando passas, no incendio das caricias,
oiço o bater dos gladios legendarios,
e o roçagar das tunicas patricias ..

Brilham-te as formas, na internal luxuria,
que os meus sonhos bordou de mil Calvarios,
como as sagradas purpuras da Etruria !

BOM TEMPO

Que mão os campos maus dos meus sonhos amanha.
em cuja gleba ha só cardos, saibros e ortigas,
quando o inverno glacial, cruel, as frondes apanha,
e o vento forte esfolha as macieiras antigas ?

A nevoa veste o azul do valle e da montanha.
no entanto oiço vibrar o crystal das cantigas.
e outro sol de oiro tece uma têa de aranha
no céo e ha madrigaes entre flores e espigas !

Ah ! que o tempo do amôr da alegre ceifa venha,
bonito como o sol nos dias de esfolhadas
nas granjas, com o favor do Bom Jesus da Penha !

Deus ampare os trigaes do joio dos demonios,
que oiço, de hoje, em canções, pelas searas doiradas
a guitarra da voz dos ceifeiros camponios !

CAMINHO DO CÉO

O cèo é dado aos martyres, agora
vamos nós dois, o mundo abandonando,
ouvindo os ninhos, sem querer, cantando,
estrada azul do paraiso afóra...

Em breve, mornos beijos permutando,
phrases cortadas de paixão, Senhora,
a escadaria rutila da aurora
galgaremos, sorrindo e suspirando !

Vamos nós dois ! Aos martyres é dado
o claro paraiso que sonhamos,
cheio de amôr, immenso e constellado !

Abre-se o céo ! Na curva do caminho
as azas cantam nos dolentes ramos...
Teceremos no azul o nosso ninho !

A TRISTEZA

Para que temos coração,
neste mundano apodrecer?
Meus olhos só tristezas, são
viuvos de consolação...
Meu sonho limpido é morrer...

Por toda a parte as agonías
batem as azas tenebrosas...
Ai! noites, gemeas dos meus dias
cheios de sombra e ventanias,
amo as estrellas suspirosas...

Por este pantano mortal,
As nuvens são minhas irmãs...
Com as brandas azas do ideal,
vou adejando sobre o Mal,
No oiro do sonho das manhãs...

Amiga ! a tua longa auzencia
é da mais triste natureza...
um campo roxo em florescencia.
Vivo bebendo a tua essencia
na taça amarga da tristeza !

São infinitas minhas penas,
tão infinitas como Deus !
Bebo as tuas lagrimas serenas,
em sonhos ! Ai ! quizera pennas
para voar aos braços teus !

Minha tristeza é o soffrimento
mais doloroso desta vida...
Perdi, te amando, o pensamento:
elle se foi na voz do vento !
Ai ! triste petala perdida...

Amiga ! as minhas tristes dores
e as dores tuas são eguaes...
mutuos e eguaes nossos amores !
Teus olhos têm os resplendores
da alma viva dos crystaes...

MÃE

Mãe ! não sei te dizer quanto te estimo,
quanto te quero, nesta ausencia ! Quanto
mais te préso e te adoro, ó vulto santo !
mais das cousas ethereas me approximo...

Nos meus olhos as lagrimas reprimo,
se penso em ti, que me idolatras tanto;
brilha o teu vulto aereo e sacrosanto
em cada verso que architecto e rimo !

Salve, ó Mãe piedosa, que, por minhas
magoas, longe de mim, triste padeces,
que, de saudade, aos poucos, te definhas !

Quanto me alegro, quando em ti pensando,
sei que um rosario rútilo de preces
vaes, por mim, na existencia, desfiando...

ETERNO THEMA

Cáe o luar em cheio pela estrada,
e tu me esperas, pallida e medrosa,
pois é chegada a hora suspirosa
da entrevista ha dias combinada !

Hoje não vem ! murmuras anciosa,
volvendo os olhos á deserta estrada;
belisca a brisa as folhas da ramada
e o ninho sonha uma canção saudosa !

Estala um ramo, e dizes, suspirando:
é elle ! é elle ! No entretanto, amada,
eu vou minha chegada retardando...

Chego: arrufos, suspiros e desejos...
Minhalma toda de paixão banhada
vibra a guitarra tremula dos beijos !

FUGINDO

Maio vinha cantando, pelos ramos,
ao céo azul e á terra verde em festa,
cheirava o campo e a quèrula floresta
cantava pela voz dos gaturamos...

Quando tu, cujo olhar divino empresta
luz aos astros do azul, chegaste; erramos
em não tecer o ninho que habitamos
de um valle numa esmeraldina fresta...

Hoje, no meio do infernal bulicio
do mundo, temo que, camelia linda,
não vá manchar-te as petalas o vicio!

Os ninhos ungem de harmonia os ramos
e a primavera acena-nos ainda...
Vamos morrer longe do mundo! vamos!

ROMANTICO

Casto, aromal, a rosas rescendendo,
vai o luar, em nuvens luminosas,
pelos amplos espaços se estendendo
e dissipando o olhar das nebulosas...

As estrellas desmaiam, vão morrendo,
almas tristes de noivas vaporosas
que os noivos vivem suspirando, os vendo
entre nuvens de auroras gloriosas...

Desmaiam, cheias de ideaes vertigens,
as almas virginaes dos trovadores
sob o balcão das suspirosas virgens...

Sob a luz do luar, no céo risonho,
boia a góndola azul dos meus amôres
sobre a Veneza triumphal do Sonho...

SUPREMA GLORIA

Quando, ó musa pagã ! vibras o plectro
de oiro, sonhando, pelo espaço, os astros
para te ouvir concentram-se; de rastros
fogem de ti os histriões do Metro !

Brilha-te a fronte como os alabastros
sob a uncção do luar e o augusto sceptro
que á dextra empunhas, carinhoso Espectro,
rutila como a flammula dos astros !

E, deixando estes antros vis, profundos,
onde os homens gladiam-se ferozes,
as azas molhas no crystal dos mundos...

Sobes, a lyra tremula vibrando...
Parece até que Deus passa, nas vozes
tuas, um credo de paixão cantando !

CAVALLEIRO

No fogoso corcel do Verso, pelas
encruzilhadas das Paixões cavalgo...
Cobre-se o chão de rutilas estrellas
por onde eu, louco cavalleiro, galgo!

Com um guerreiro legendario, algo,
aos olhos dos rivaes, pareço e áquellas
virgens do sonho, de perfil fidalgo,
flavas tranças e limpidas capellas...

Cavalleiro do prelio immorredoiro
do amôr, eu vou da gloria aos cimos de oiro,
por entre pompas e triumphos raros...

Santo ideal! santo ideal risonho!
Busco o Santo-Sepulchro do meu sonho
na Terra-Santa dos seus olhos claros...

AVE ERRADIA

Meu pensamento ! quando, em ti pensando
penso que me abandonas, que me deixas,
minhalma é como um riacho soluçando
as mais sonoras e dolentes queixas...
Meu pensamento ! vivo em ti pensando !

Ai ! se eu podesse te esquecer ! seria
para mim um suave lenitivo
a tantas dôres que, de noite e dia,
vivo soffrendo e padecendo vivo...
Como o meu coração feliz seria !

Minha felicidade e meu tormento !
porque me deixas ? A saudade minha
te seguirá ! O amor no pensamento
tem azas de condor e de andorinha...
Poupa-me, ó ave, esse cruel tormento !

Se dos meus braços, amanhã te fôres
que será da minhalma ? Então meus dias
passarão, como, ao sol, as pobres flores,
cheios de maguas como as ventanias...
Ai ! que será de mim quando te fores !

Rosa do amôr ! estrella do tristonho
azul do peito meu ! porque te vaes ?
Porque deixas o ninho de meu sonho,
ai ! para sempre, para nunca maís ?
A minha vida é um roseiral tristonho...

Se ao menos, fosse eu passaro, esperava
os teus braços de amôr e o teu carinho...
Com a alma, embora da saudade escrava,
como eu te esperaria ó passarinho !
Com que saudade immensa eu te esperava !

Vae ! bate as azas como as andorinhas,
no tempo triste das emigrações !
Atraz de ti vão-se as saudades minhas
batendo as azas pelas solidões.
Como as doudas e negras andorinhas !

Adeus, celeste amôr ! Porque me deixas
doudo de amôr, sequioso de desejo ?
Se são dolentes estas simples queixas
è porque nunca mais sei que te vejo !
Por que rasão te vaes ? Por que me deixas ?

Vae, dôce amôr, que um dia me sorriste
e que um momento apenas descançaste
no meu seio... Voltando, alegre ou triste,
talvez, o encontrarás quando o buscares !
Quando, para mentir-me, tu sorriste...

CHROMO

Desce a tarde. Faisca o sol distante,
tingindo o céo de purpura sagrada
e, dos montes, doirando, instante a instante,
a sinuosa e oblonga cumiada...

Do mar a face de oiro e azul plissada
faisca opalas vivas, coruscante
como um pedaço immenso da alvorada
entre as glorias e as pompas do levante!

De vez em quando, sobre a face immota
do mar, toda a fulgir de pedraria,
roça a aza de luz de uma gaivota...

E vão chegando, aos ultimos fulgores
do sol que vai doirando as penedias,
longe, os barcos gentis dos pescadores...

MEU CANARIO

Minha visinha, um prodigo thesoiro
de bondade, no meu anniversario,
offereceu-me gentilmente um loiro
conirostro; nem sei a que compare-o...

Os versos do meu quérulo rimario,
desde esse dia, com seus threnos, doiro;
parece a febril voz do meu canario
o alegre tilintar de guizos de oiro!

Mal no espaço se abre a ventarola,
de luz da aurora, meu canario canta,
entre os fios doirados da gaiola...

E que harmonias não desprende quérulas !
Parece que lhe vibra na garganta
de oiro, um punhado de crystaes e perolas...

A UM BEBEDO

Não ! Nada de ferir-te, alma sem sorte,
queimada em flôr nos lodaçaes immundos,
que, para acobardar teus ais profundos,
bebes, no vinho, diluida, a morte...

Conheço a vida e seus parceis profundos,
em que fluctua a idèa de um transporte
daguia, claro, de luz, sublime e forte,
atravez da grandeza alta dos mundos...

Fazes bem; é o meu teu pensamento:
a embriaguez é a aza protectora
das sombras virginaes do esquecimento...

Espuma o nectar nos festins de Hebe !
Alguma cousa horrivel, vingadora,
no mundo estulto, te persegue, bebe !

OLHOS VERDES

Os olhos verdes, seus, onde florecem
as frondes jaldes do meu verso, estranhas,
aos desolados olhos meus parecem
duas verdes Helvecias sem montanhas...

E quando, como um plenilunio, descem
do meu amor, as intimas entranhas,
os outomnos das crenças reflorecem,
resurgindo na luz das seivas ganhas...

Nas sombras tristes dos seus longos cilios
passam mysticos faunos deslumbrados.
na poeira ineffavel dos idyllios...

Seus olhos verdes, de caricia e mel,
nos longes alvos, das paixões, doirados,
são como as flechas de Guilherme Tell...

NOIVANDO

Num dia azul de sol, na minha terra:
oiro nas nuvens ! todo o céo doirado !
oiro nos campos virides, na serra,
e oiro a cantar no céo do meu noivado !

Vamos de braços: para nós se encerra
a vida em nosso amor, ao nosso lado...
Nossa Senhora em nossos olhos erra
como a innocencia dentro de um peccado !

Ha ruflos de azas pelas nuvens ! Quanta
meiguice plumea pelo curvo espaço !
Tudo, ao ver-nos passar, cochicha e canta...

Os sinos vibram festivaes, sem goivos,
e, ao festivo rumor do nosso passo,
os lirios brancos desabrocham noivos...

ESTRELLA MATUTINA

Da santa gloria no soberbo serro,
que as nuvens rasga pelo azul acima,
nas labaredas purpuras da rima,
quero cantar-te em symbolos de ferro!

Não ha, no verso, quem meu verso opprima!
No rubro inferno dos martyrios erro...
Deus, que os meus sonhos de luar anima,
dentro dos olhos de propheta encerro!

Quebrei da carne os lubricos rosarios...
Cem Magdalenas loiras me mentiram
nas roxas convulsões de cem Calvarios !

Queimam-me os olhos desesperos nuveos,
e, sobre elles, das mãos do céo, cahiram
as aguas infernaes de cem diluvios !

CHEIA DE GRAÇA

Graça toda tu és; por onde pizas
rebentam sonhos, como em Maio flores,
cochicham ramos e farfalham brisas
e o proprio céo, de amôr, muda de côres...

Sobre as hastes nervosas e indecisas
beijam-se os sonhos, roçam-se os amôres;
ha crepusculos no azul das aguas lisas
e volatas do valle entre os verdores !

Tudo, ao ver-te passar, logo se encanta...
E, quando passas, encantando tudo,
o chão, sob os teus pés, palpita e canta!

Passas, e, ao sol da tua regia gala,
tudo o que è cego e eternamente mudo,
abre os olhos á luz, suspira e fala!

CONFIDENTES

Para escrever-vos, Senhora,
esta cartinha gentil,
molhei na tinta daurora,
que doira o contente Abril,
a minha penna, Senhora!

Sendo, em extremo, franzinas,
as folhas da violêta,
tracei nas azas divinas
duma aerea borboleta
estas estrophes franzinas!

Fui pedir aos frageis ninhos
que sonham pelos silvêdos,
vozes, suspiros, carinhos,
e os perfumes dos segredos
da tepidez dos seus ninhos,

para, nuns versos doirados,
como o seio duma flôr,
correctamente acabados,
vos confessar meu amor...
Eis os meus versos doirados !

Que ardor minhalma consome
como um punhado dabrolhos...
só em pensar que meu nome
vai passar por vossos olhos !
Como este amor me consome !

Dentro deste meu trabalho
crystaliso o meu amôr
como as lagrimas do orvalho
no peito de agreste flôr !
Recebei, pois, meu trabalho !

SARAH

Quando os seus olhos, flebeis de meiguice,
fecharam-se e a mudez beijou-lhe a face,
não houve um ramo só que o não sentisse
nem um ninho, um siquer, que não chorasse...

Diria que a uma subita velhice
voara minhalma em glacial traspasse.
naquelle dia, quem meus olhos visse
e os meus cílios, de perto, contemplasse !

Fôra melhor, melhor a toda a prova,
se, com o corpo de Sarah, descambasse
o corpo meu tambem na mesma cóva !

Se com a sua a minhalma se esvaisse,
não havia um ninho só que não cantasse.
nem rosa, nos rosaes, que não sorrisse !

VINGANÇA DE TIBERIO

Era um escravo vil Xuton; Roma o sabia
da porta palatina á Saburra, ao flagicio,
como Tiberio o amava até mesmo ao supplicio,
Roma, a lôba, do escravo os cothurnos lambia.

Manchasse a sombra a noite ou o sol doirasse, o dia,
as thermas, humilhando o áquilo olhar patricio,
na liteira, de um rubro atroz, de vicio em vicio,
o escravo e o senhor iam de Via em Via...

Levantou-se o Senado, e Roma toda, inteira,
o manto sacudiu, num desespero flavo...
Cesar doido da orgia e Xuton de liteira?

E Tiberio os ouviu e o seu odio os mordeu:
abraçando e beijando os cothurnos do escravo,
Roma, a lôba do escravo os cothurnos lambeu...

VESPERAL

Ha sangue nos crystaes dos vespertinos brilhos
e ha sangue nos crystaes das cascatas bizarras...
Cicia, verde, ao sol, a esmeralda dos milhos
e vibram, vivos, no ar, ri-ri-ris de cigarras.

Nos ramos, que a luz morde, ha dengues de estribilhos,
sons de opala real de aligeras fanfarras;
queima a luz vesperal o dorso dos novilhos
e o oiro brilha, no céo, em laminas, em barras!

Flaflam vivas, no azul, nuvens de lavandiscas
e os verdes arrozaes das pinturescas roças
turturinam na voz das pecoapás ariscas...

Derrama-se na tarde o oleo-santo dos chilros
e, innocentes, na luz, evolam-se das choças
cantarolas de amôr ao tré-tré-tré dos bilros...

TURRIS EBURNEA

Quando meus olhos se cerrarem, quando
a magoa me cerrar os olhos, certo,
irei aos céos, em lagrimas, sonhando
ver-te e beijar-te, em lagrimas, de perto...

Oh ! mas a morte já me está tardando !
no emtanto sinto-a no meu passo incerto...
E eu quero entrar no teu amor chorando,
no teu amôr aos martyres aberto !

Quero, deixando os pelagos e abysmos
do mundo, ver-te, lá nos céos, sagrada
na grande Paschoa azul dos Mysticismos !

•

Dos beijos teus tenho saudade e fome...
Minhalma vive, em dôr, crucificada
nas cinco luas cheias do teu nome !

SATAN

Nas margens de crystal do Danubio do sonho,
chromadas de rubis, de perolas purpureas,
vê-se o immenso solar somnolento e medonho
do dragão infernal das Princezas espurias...

Guarda o nobre portal de alabastro tristonho
desse antigo solar, de maldictas luxurias,
em que fulge o brazão heraldico do sonho
não sei quantas legiões de duendes e furias !

Sobre o marmore azul das columnas austeras,
que, em noivados de luz, o luar engrinalda
brilha o vivo crystal de aligeras chimeras...

Velam desse dragão o oriental thesoiro,
sobre um throno de rei, de massiça esmeralda,
dois soberbos leões, de grandes patas de oiro...

POETA SAUDADE

Ouvi-me, corações, que andais guitarreando
pela estrada, ao luar, vossos nuveos amôres,
as chorosas canções que ando, ao luar, cantando,
no eterno bandolim da saudade e das dôres...

Venho, ás almas em flôr, meus versos desfolhando
do paiz virginal dos Reis, dos Trovadores,
pelas nuvens do céo de paixão desmaiando,
como as corças lambendo os orvalhos das flôres!

Minhalma se traduz na tristeza de um goivo...
Têm morrido de amôr muitas loiras princezas
por meus olhos azues de poeta e de noivo!

Orphanou-se o meu céo da sonata das côres...
Vivo agora a cantar minhas santas tristezas
no eterno bandolim da saudade e das dôres...

VERMELHO

Vermelho ! sangue... (Para que
tantos rancores, corações ?)
Sangue só sangue é o que se vê
por sobre todas as nações...
viuvez, miserias... Para que
tantas desgraças, corações ?

Ai ! está podre o mundo todo !
quero morrer ! quero morrer !
A nossa vida é fel e lodo...
Soffrer... soffrer... soffrer... soffrer...
E este meu coração todo
Verde de pus ha de morrer !

Vermelha é a luz crepuscular...
(E eu vejo sangue até na luz !)
Ai, meu olhar ! ai, meu olhar !
Sangue dos cravos de Jesus,
sangue real crepuscular,
porque assim tinges a luz ?

Bandeiras rubras desfraldadas...
clarins em estos de rebates...
Sangue das pontas das espadas,
sangue thebano dos combates,
porque manchais as desfraldadas
bandeiras rubras dos combates ?

Vermelho ! o mar tumultuario...
Sangue nas aguas, sangue em terra !
Vermelha é a via do Calvario...
(Porque razão existe a guerra ?)
Ah ! velho mar tumultuario,
somente sangue eu vejo em terra...

Vermelho ! os pantanos vermelhos...
(O rubro em tudo deste mundo !)
E eu, sobre sangue, vou, de joelhos,
pallido como um moribundo !
Até os pantanos vermelhos...
O sangue em tudo deste mundo !

Basta de dôr ! Basta de dôr !
(Alma, bem alto a paz proclama !)
O proprio amor, o proprio amôr,
hoje parece sangue e lama !
Dias de juizo têm a Dôr...
Alma, a côr branca, ao céo proclama !

JUDEU ERRANTE

Sabeis de onde sahi ? Ninguem pode sabel-o !
Ando, roto, a bater ás portas dos solares,
trago a fome na bocca e trago até pesares
nas cans patriarchaes do meu longo cabello...

Anda a morte a pairar nos meus tristes olhares,
na branca pompa astral de um vivo sete-estrello...
Nunca, ó céos ! encontrei a plumagem de um zelo
nem um raio de luz de macios luares...

O gelo me anavalha os membros magros, lassos,
no entanto ha muito sol nos meus olhos de afflicto...
Ninguem pode saber a lenda dos meus passos !

Tenho sobre a cabeça infinitas galès...
Onde quer que se grave o meu passo maldito
sinto a terra gemer debaixo dos meus pés...

CONDESSA DE VAL DE LIRIOS

No castello feudal de Dom Sonho Primeiro,
heroe da Santa Cruz, nas vermelhas cruzadas,
um loiro conde real, trovador e guerreiro,
viu-a, em branca visão, numa torre de fadas ..

Hoje o immenso solar é um velho pardieiro,
de muralhas azues e torres derrocadas,
onde se ouve do corvo o piar agoireiro,
em vez das vibrações das guitarras choradas...

Diz a lenda do amôr cortada de martyrios
que, no velho castello, um dia se encantou
a condessa real Branca de Val de Lirios. .

E dizem mais que, quando a sombra a ruina esconde,
quando o sol ja, no occaso em nuvens, se occultou,
nos torreões passeia o fantasma do Conde. .

VENCENDO O SAHARA

Queima as nuvens o sol, ensanguentando os ermos;
ais de sêde se vão da face dos desertos.
No brazeiro cruel das areias sem termos
vás guiando, do azul, os meus passos incertos !

Passam, verdes, em luz, nos meus olhos enfermos
as miragens do amôr dos meus sonhos despertos...
Que alegria no alem, sobre as nuvens, ao vermos
os espelhos de luz de cem lagos abertos !

Vou, sem agua, transpondo as ingratas savanas !
Expira o meu olhar nos longes horisontes...
Caravanas atraz e, adeante, caravanas !

Bemdita sejas, fé, que, pela mão, me trazes !
Não tardam rutilar no oiro das nossas frontes
as bençãos de crystal dos vividos oasis !

CHROMOS

I

De manhanzinha. Entre os ramos
da estrada verde e aromal,
a guzla dos gatoramos
tem vibrações de crystal...

—

No azul do céo ha recamos
de oiro e prata! Matinal,
o ninho, ao vêr que passamos,
cochicha dentro do val...

—Onde vão elles tão cedo ?
pergunta, tremente, um galho,
num cicio do arvoredo.

E um lirio, triste que é um goivo,
com os olhos nadando em orvalho,
tem pena de não ser noivo !

II

São seis horas. Na varanda
toda a familia, em estreiteza,
senta-se em torno á vianda,
só se não senta Thereza...

—Vem comer, menina, anda...
diz-lhe a mãe, e ella, em tristeza,
qualquer desculpa desanda
de um mal estar como prêsa...

—Mas que tens hoje, Tutuca ?
—Não sei, não... «tou» sem vontade...
Diz o loiro do Manduca:

—Ella dixe a xô Zoxino
qui num come de xodade...
—Cala esta bocca, menino !

III

Emquanto mamãe Chiquinha,
no quarto o cassula embala
com os contos da carochinha,
os dois namoram na sala.

—Tu não te zangas, Corinha,
se eu te beijar ? Anda, fala...
Não sei, não... diz-lhe a priminha...
E um beijo bem longo estala !

A mãe, que, ao menor ruido,
se assusta, pergunta:—Córa,
que foi isto ? E attenta o ouvido...

Diz-lhe a filha, que a escutou:
— Não foi nada não senhora
foi o gato que espirrou...

IV

De noitinha. No terreiro,
que o luar macio rega,
brincam todos, num berreiro,
o jogo da cabra-cega...

Cotita, um anjinho inteiro,
somente a brincar se néga;
beliscou-a um companheiro
no meio da cegarrèga...

—Quem foi? perguntam. Cotita
morde os labios e, innocente,
diz, depois, loira e bonita:

—Foi o primo... (e abaixa o olhar),
que, quando belisca a gente,
não belisca de vagar...

MAIO

Maio ! Chegaste. Os lirios dos caminhos
abrem-se aos beijos matinaes do dia;
os sonhos e as canções sóbem dos ninhos
fechados nalma em flôr da ramaria...

O' doce mez das rosas que os espinhos
não ferem ! mez que os olhos de Maria
estrellam ! como os olhos meus sosinhos
vieste encontrar cobertos de agonia !

Nunca, uma vez, me viste assim, me viste
do teu amôr tão tristemente aereo,
como hoje, o' Maio de roupagem triste !

Como vieste me encontrar ? Num val
de dôr: uma alma feita um cemiterio
e um corpo sobre um leito de hospital...

CREPUSCULARES

A tarde, em doce paz, tranquilla, desce.
Ha, por tudo, uma doce e immensa calma !
O perfume da prece,
se desatando do thuribulo da alma,
toda a tristeza vesperal invade,
como um sonho, parece...

E' a hora da saudade !

Sobre as aguas do rio vão passando
os barcos leves, em pequenas frotas,
como, as azas doirando ao sol, um bando
de serenas gaivotas ..

Como devem sorrir, neste poente
de sol, de tanta luz, de tantas côres,
fazendo inveja á gente,
as almas simples desses pescadores !

Geme, pelas alfombras,
lembrando os labios das roceiras tôlas,
de arrulhos tristes perfumando as sombras,
o coração das rolas...

Devem viver confusas
de magoa as doces rolas amorosas,
que andam, de tarde, procurando os musas
pelas moitas cheirosas !

Cessa a voz das jaspissimas fanfarras
dos ninhos pelo perfumado val...
Corta o silencio o trillo das cigarras,
como uma flecha de oiro e de crystal.

Tambem meu coração cantava outrora
como os ninhos, se o sol nas nuvens arde,
desde o primeiro beijo azul da aurora
á derradeira lagrima da tarde.

A morna viração
beija a esmeralda tremula das palmas.
E os barcos leves docemente vão
como os sonhos de amor das nossas almas.

Eu firmemente creio
que, de uma tarde assim, doce, ao cahir,
se fechará a hortensia do meu seio,
para não mais se abrir.

Que perfumes me vêm
da tarde que, de joelhos, esmorece!
Lembram-me os labios de um saudoso alguem
que vive longe e que, por mim, padece.

Quanta tristeza nesta claridade
de sonho, do crepusculo cahida!
Sei que mais uma tarde de saudade
leva-me o resto da manhã da vida...

HERVAL

A bandeira da patria, ao vento, pannejava
quando elle, heróe de heróes, o gladio flammejando
tranquillo, do inimigo as hóstes carregava,
avalanche á avalanche, as hóstes derrocando !

Era a gloria que á dextra a espada lhe apertava,
no campo da batalha a púrpura arrastando !
A victoria, do azul, com os braços lhe acenava,
sobre os astros em flôr do céo se debruçando...

Não o faziam recuar as hispidas metralhas
nem o bronze cruel das lanças baptisadas
de sangue, entre o clangor vermelho das batalhas !

E, altivo leão da guerra, ao vento esparsa a côma,
lembrava, combatendo, os heróes invejados
que souberam vencer sob as aguias de Roma...

MAIO NO CAMPO

Ri-se a manhã no vasto céo aberto !
Doiram-se os ramos, doiram-se os caminhos...
O passarêdo gárrulo, desperto,
borda canções, macias como arminhos...

Vaga no espaço um morbido concerto
de perfumadas vozes e carinhos...
Um oasis de luz no céu deserto,
enche de vida o coração dos ninhos !

Maio, poiso de amôr, vibrante e loiro,
gorgeia. O sol, as flammulas soltando,
galga do espaço a escadaria de oiro !

Passam, cantantes, pelo espaço em fóra,
azas, como se fossem regressando,
as derradeiras illusões da aurora !

PSALMO DA MINHA BIBLIA

Alma lactea de Risos e Luares,
Sete-Estrello vibrante do meu Sonho!
rendido á intrepidez dos teus olhares,
não tuas mãos meu coração deponho...

O' Mystica Visão dos meus Pesares,
Rôxo Martyrio que a mim mesmo imponho!
para rímar meus rutilos Cantares
meus Sonhos, todos, nos teus olhos ponho...

Como te quero, o' Santa-Creatura...
cysnea Alpha do meu Deslumbramento,
mil vezes santa e duplamente pura !

A' alvorada do teu sorriso terno
leio o Missal do meu Padecimento
eterno, eterno, eterno, eterno, eterno...

VENUS

Quando o seu corpo á flôr das ondas veio,
guirlandado de espumas e sargaços,
de seducções a vaga encheu-lhe o seio
e, de traições, a syrte encheu-lhe os braços...

Por todo o mar houve um supremo anceio,
quasi humano de beijos e de abraços...
O sol, de luz e de calor mais cheio,
vibrou mais alto, nos azues espaços !

Algas e espumas, sem querer, tecerem,
juntas, um berço de ideal cambraia
e o seu corpo de aurora receberam !

. . . Nunca o mar vira tão celeste flôr...
Quando o seu corpo foi beijar a praia
a propria rocha estremeceu de amôr !

Não desperteis, o' almas do Peccado !
essas velhas e escuras ruinarias
que estrondaram de pompas no Passado !

Volvei aos vossos rubros Pandemonios
onde ha rictus macabros de Agonias,
o' legião de Haydéas e Demonios !

NO HORTO DE GETHSEMANI

Paira nas sombras mortas, erradías,
do Horto um mixto de Saudade e medo...
Ermas de sonhos permanecem frias,
as somnolentas frondes do arvoredo.

O céu, sem nuvens que o nodoem, trêdo
como os olhos das languidas judias,
solemne de tristeza e nostalgias...
tem a mudez de um intimo Segredo !

Véla o Rabbino pallido, e padece...
Vêm, de sonhos, sensações fagueiras
crystalisar-lhe no silencio a Prece...

Manchando as sombras tristurosas, mudas,
que projectam no Horto as oliveiras,
erra o vulto satanico de Judas !

SINHA' DULCE

Hontem fui vel-a ao seu chalet de fada,
ninho escondido á sombra de frondentes
arvores, onde os passaros, contentes,
sonham canções ternissimas. Em cada

ninho, que as auras matinaes, dolentes,
vinham beijar, suspenso sobre a estrada,
vibrava um threno, uma canção doirada,
doce gemia. As palpebras trementes

Da aurora em sonho, pallidas, choravam
lagrimas de oiro. e os ramos, de alegria,
como noivos, baixinho cochichavam...

Ao ver-me a aza de um sorriso doce
roçou-lhe os labios. Quando, em febre, vi-a
aos meus olhos o dia eclypsou-se...

TELA ALDEA

Sob a linha doirada do horisonte
que, sobre os serros, muito longe, ondeia,
abeirada num angulo do monte
extenso, ri-se a pequenina aldeia...

Em zigues-zagues rùtilos a fonte,
que a luz do sol primaveral prateia,
como um collar cingindo um mastodonte,
o serro immenso, a faiscar, colleia...

Evolam-se das nitidas cabanas,
caracolando, as flammulas esguias
de fumo, azues. Derramam-se as cabanas

pelo declive da montanha. Azas
de pombas, como aereas nostalgias,
tatalam, mansas, sobre as alvas casas...

CELESTE

Toda a brancura duma estrella é pouca
para offuscar-te, ó perola do mar !
Patativas gorgeiam-te na bocca...
Mil auroras faiscam-te no olhar !

Essa meiguice que teus labios touca
e que me faz com os ceos azues sonhar...
que coração gentil de rosa louca
poderá, entre as petalas, guardar ?

Quando uma phrase de pureza santa,
vibra-te aos labios, trinula e celeste,
uma sonata no ambiente canta...

Semelhas Vesper repontando em brumas,
quando passas, na aurora que te veste,
pizando estrellas, machucando espumas...

AO PIANO

Quando correste as roseas mãos pequenas
sobre a brancura eburnea do teclado.
e o teu piano. o confidente amado.
encheu a alcova de secretas penas...

nem o casto pallor, das açucenas,
ao brilho das estrellas comparado,
possuia o encanto ignorado
das tuas doces lagrimas serenas !

Ardia-te na voz, quando cantavas,
o pudibundo aroma dos segredos...
e, nalma, como em sonhos, te exhalavas...

Tinhas no olhar um céu desabrochado
quando affagavam teus serenos dedos
as suspirosas pombas do teclado !

ALMAS

Almas de noivas mortas sem ventura,
muito antes da delicia do peccado...
que encerrastes, nos gelos da clausura
da morte, o vosso amor abençoado...

Almas, roxas violêtas da tristura,
campos sem flôres, flôres sem noivado,
que, em noites de luar, todas ternura,
entrevieis um Cèo de amôr doirado...

Vós, que em noites de estrellas e orvalhadas,
andais, chorosas, suspirando os noivos,
como um sereno turbilhão de fadas.

pelos espaços ermos e tristonhos,
vinde viver, inconsolaveis goivos,
no sereno estrellario dos meus Sonhos...

IMPASSIVEL

Quando passas, cegando as multidões,
prendendo-as sempre em feiticeiros laços...
seguem, de joelhos, almas, corações,
a via-lactea de oiro de teus passos!

E vão, cheios de sonhos, de emoções,
ardentes como a febre dos espaços...
sequiosos de amôr e de illusões,
até, vencidos, succumbirem lassos...

E, triumphal, tu segues, empunhando
o vermelho estandarte da insolencia.
rindo daquelles que se vão ficando...

Seguem-te, assim, promessas e gemidos
e o orgulho, sempre ao lado da inclemencia,
corta-te a voz e chumba-te os ouvidos!

BACCHANTE

Estranha flôr de aroma estranho ! Lirio
de carne e sonho, de volupia e gêlo !
quem te aspira uma vez sente o delirio
da morte e sonha a paz do Sete-estrello...

O sól de sangue do deserto assyrio
não cèga mais que a luz do teu cabello
negro, da côr dos halos do martyrio,
irmão do crime e irmão do pesadêlo...

Nas fórmas lembras jaspes e alabastros,
estatuas de hemadryadas chorosas,
fulgurações de lagrimas e de astros...

Ha, no teu seio, ó pérola bacchante!
da brancura das brancas nebulosas,
toda a aromal luxuria do Levante.

RUBRO

Purpura côr de Syrius ! Côr da guerra,
das flámmulas sangrentas da batalha !
Côr que enlouquece, que embriaga e aterra,
derramada na arena ou na muralha !

Côr de gritos ! Clarim das côres ! Serra
do Emocional que o espirito retalha !.
Phebea côr da volupia sobre a terra
derramada, que grita e que farfalha !

Côr do Sol-Posto ! Côr do inferno ! Côr
dos punhaes e das lanças, diffundida
por toda a terra, como a Luz e o Amôr...

...Regia côr dos seus labios escarlates !
Suprema côr da Morte e côr da Vida
dás-me a visão de auroras e combates...

NA ESPIRAL DO INFERNO

Quando em minhalma os platanos do Horto
dos Sonhos gemem, como um kirie, ao vento,
e os céos, lembrando as palpebras de um morto,
dormem, na paz de um velho monumento

assyrio, no deserto immenso, absorto
no lotus de oiro e azul do firmamento,
desço aos infernos do meu desconforto
nas azas triumphaes do pensamento...

E, lá no fundo, entre os purpureos gritos
de tantas esperanças condemnadas
sinto os meus olhos naufragos, afflictos,

vendo, nas espiraes do amôr, tristonhos,
labios em flôr e frontes calcinadas
por tantos beijos e por tantos sonhos !

RAINHA DO MAL

Na torre augusta da Opulencia, em cujas
setteiras de oiro e barbacans gargalha
o gypaeto e a nenia das corujas
lembra o ranger de um panno de mortalha,

o Crime, como um côrvo de azas sujas,
de olhos rubros, da côr de uma fornalha,
vôa e revôa, em feias garatujas,
e, com o seu pio, a escuridão retalha...

Lá te encontrei, na torre da Opulencia,
núa, da côr da Via-Lactea, os hombros
cheios de estranha, de exquisita essencia !

E tu, pompa do mal, que não se attinge,
pairavas sobre os infernaes escombros
com os olhos petreos como os de uma sphynge...

O OITAVO CIRCULO

Ha no inferno um logar negro, apartado,
onde mil vezes mais as chammas crescem,
e os que, nesse logar, estão padecem
mil vezes mais que os outros, do outro lado...

Por toda a parte ha gritos que parecem
os gritos roucos de um leão farpeado
nos rins, e fulvo, de oiro, e ensanguentado
crepita o fogo e as labaredas crescem !

Mas quem pode viver nestas solapas
do inferno ? E a Voz do Bem, que me acompanha
mostrou-me Reis e púrpuras de Papas...

E o fogo atroou, como milhões de trompas
barbaras, dentro da infernal montanha
de pompas rubras, de sangrentas pompas !

SONHOS

Sonhos... Azas perdidas no alto, em bando,
entre as nuvens azues e entre as espheras...
Velas abertas, concavas, inflando
em mastros de triremes e galeras !

Sonhos da infancia: Fadas habitando
castellos moiros guirlandados de heras...
A Gata Borralheira se enfeitando
e a Chapelinho a conversar com féras !

Sonhos da mocidade: O azul dos ares
os laranjaes de aromas povoando...
Rosas abertas... Velas sobre altares...

Sonhos de velhos: Nevoas e Trindades
e, sobre ellas, em lagrimas, pairando
saudades de saudades de saudades...

POETAS MALDITOS

Quando, pelo clamor dos meus pecados, tive
de, á Treva Inferior, descer, á voz do Eterno,
ralando-me do Mal no asperrimo declive,
como um deus rebelado e tonto de falerno,
sobre os antros mais nús, como Alighieri, estive
suspenso, a contemplar o delirio eviterno
das pompas sensuaes de Gomorrha e Ninive,
situadas ao pé do Stramboli do Inferno...

Gritos e imprecações, que as chammas retalhavam,
como gladios de bronze, em barbaras campanhas,
de entre as lavas de sangue e sulpho se elevavam,
emquanto, aos olhos meüs, nos infernaes retiros,
o fogo, devorando o ventre das montanhas,
dava uns tons de gangrena ás azas dos vampiros...

Com as unhas lacerando a púrpura sangrenta,
que, dos hombros de auroch, em pregas, lhe cahia,
vi Nero, inda exhibindo a mesma fronte odienta
que, no incendio de Roma, ás chammas exhibia...

Raivava como um cão, mostrando a saburrenta
lingua e, a espaços, tambem, ás escancaras, ria
epileptico, ao vêr as almas em tormenta
atravessando o horror da satanica orgia
de fogo, no solar do Principe Demonio,
para, empós, como os cães corridos, lazarentos,
encolher-se, entrevendo o vulto de Petronio,
que, arrepanhando a toga e erguendo a eburnea fronte,
ia e vinha, a cantar, nos outros pestilentos
do Inferno, uma canção de amôr de Anachreonte...

Entre uma legião de sceptros e tonsuras,
Voltaire, viu-me e sorriu, com um sorriso endiabrado
de caveira, a expellir das orbitas escuras
ironias, de um tom de bronze avermelhado...

Blasphemava, estalando as hirtas ossaturas
do esqueleto e mostrando o braço descarnado,
num gesto de rebelde ás lividas alturas
e a enterrar-se ainda mais no Inferno, brado a brado...

Erguia, empós, o olhar da treva aos coruchéus
e escarrava, dizendo, em nojo, que o fazia
no orgulho de Lusbel, sobre a fronte de Deus !
E, quando assim falavam os seus labios, á mingua
de fé, de gôta em gôta, entre assombrado, eu via
como um visgo de fôgo a escorrer-lhe da lingua...

Tambem lá te encontrei, Tristan Corbière, nas grutas
do Demonio, cantando umas canções remotas
como o oceano, que morde as praias de oiro, enxutas,
no virente esplendor das vivas bergamotas...

Tremia-te entre as mãos, em purpuras volutas
de sons, a harpa do Mal, fazendo, sob as cótas
dos hoplitas do Inferno, o amôr ao sangue e ás luctas
triumphar transluminoso, em tumidos Eurótas...
Os teus olhos crueis, em dammas de palhetas
de oiro jalde, varando as vastidões afflictas
silenciavam do fôgo as púrpuras trombetas
de bronze, que, a planger, nas mysticas oblatas
sangrentas do Demonio, em helicinas malditas,
acordavam do Inferno as furnas escarlatas...

Desbordes e Mallarmé oscularam-me a fronte
e passaram, por uma azul chamma impellidos:
chamei-os e o rumor das lavas do Acheronte
triste abafou-me a voz, cerceando-me os sentidos...
Quando accordei me vi perto da negra fonte,
entre um vivo clamor de pragas e gemidos,
deante do inquieto olhar de um cerbero bifronte
com os olhos como dois santelmos accendidos...

Vi, momentos depois, em pallidez exangue,
Rimbaud e Villiers de L'Isle Adam, chorando,
e o seu pranto infernal era de lodo e sangue...

E, quando recuei de agro pavor, Lilian
surgiu-me e, empós, se foi pelas trevas clamando:
Satan ! Satan ! Satan ! Satan ! Satan ! Satan !

EM HOLOCAUSTO

Cysne ! podes vogar sobre o infinito lago
inquieto do meu sonho, em cujo fundo cerra
o estrelario do céo as palpebras, ao affago
da noite, que perfuma os roseiraes da terra !

Pomba ! podes dormir no agreste ninho vago
dos meus olhos, que o teu olhar enleva e aterra
e algema, com o esplendor exotico de um mago
sol de Maio escarpando a opala de uma serra...

Lôba ! podes saciar toda a tua sêde em minhas
arterias, em meu sangue em flôr, em minhas veias
que palpitam, no amôr, como azas de andorinhas

emigrando, na paz da tarde augusta e calma !
Serpe ! podes morder meus sonhos que alanceias,
e enroscar-te no cedro augusto da minhalma !

FABIOLA

Todo um Jardim-Suspenso de helianthos
floresce e dorme no teu corpo ondioso.
Columna de Oiro em cujo fuste ha acanthos
pendendo as folhas humidas de goso...

Beijam-te os hombros, alvos como espantos
e os espasmos de um luar prodigioso,
os luminosos, os purpureos mantos
da volupia, do Hausto-Tenebroso...

As labaredas purpuras do Vicio
queimam-te as formas brancas, crepitando
como as chammas crueis de um Sacrificio !

Quem te segue de perto vai sentindo
a impressão de quem sonha e está sonhando
sobre um vulcão de beijos explodindo...

TORRE DE SONHO

Na Palmyra do Sonho ha uma torre encantada
de onix e opala e oiro e esmeralda e amethysta;
a alma anciosa que lhe ergue, ao sol glorioso, a vista
retira-a, logo empós, humilde e deslumbrada...

E' a Torre do Triumpho, é a Torre da Conquista
pelos titães da Forma á Emoção levantada
sobre alicerces de oiro, é a torre argamassada
com sangue a que só ascende a aza immortal do Artista !

Para attingir-lhe o fim muitos têm succumbido
da vertigem, que empolga os fluidicos espaços,
na ancia de vêr, de perto, a Estrella do Escondido...

Tu, porém, alma em flôr, em brêve, has de ascendel-a,
com um par de azas mais por cima de teus braços,
até roçar com a fronte a mais remota estrella !

ENTRE O CÉO E A TERRA

Erguendo o olhar á fauce dos abysmos
do céo, qual haste ao vento, oscillo, e penso
nos grandes, nos fataes magnetismos
do Pomposo, do Rútilo, do Immenso !

O azul desperta sonhos e hysterismos,
lembra um enterro sobre nós suspenso
de velados e brancos mysticismos,
toda uma marcha funebre de incenso...

Descendo os olhos dos azues inermes,
vejo esqueletos, em visões dançando,
cobertos de oiro, de paixões e vermes...

E, sobre o lôdo mundanal-medonho,
vejo somente, como um sol, boiando
a hortencia de oiro e de crystal do Sonho !

NO VALLE AMASONICO

Sobre o ocaso de bronze os altos castanheiros
perfilam-se, espanando o céo com as frondes; brilha
um segmento de sol, ao cocar dos guerreiros
comparavel, de um rubro atroz, que maravilha...

Espiralando, grimpa, em abraços feiticeiros,
os troncos jaldes, verde, em haustos, a baunilha
cheirosa; os barcos vão, de azas pardas, veleiros,
sobre as aguas a voar, como uma flecha a quilha...

Ilhas de mururés, fluctuantes, povoadas
de ninhos e canções descem do rio a esteira
pela corrente azul, de opala em flôr, levadas !

Surdem da canarana ariscas embiáras
emquanto, da corrente em sol, fulgindo, á beira
se banham, de olhar verde, as flaccidas niaras...

EVOCAÇOES

Saudade ! O sol a se esconder. O gado
descendo a serra, longe, entre mugidos
tristes e a voz do corrego anilado
enchendo a tarde branca de gemidos !

Saudade ! Eu pequenino. O olhar sagrado
de minha irmã contando aos meus ouvidos
a historia de algum Rei-Moiro encantado
á voz das rôlas dos sertões perdidos...

O velho alpendre á mansa claridade
do luar, como em sonho, despontando
entre as saudosas arvores ! Saudade...

A mãe-da-lúa as queixas desfiando
e minha mãe, branquinha de piedade,
diante do altar do Bom Jesus rezando...

MEMPHIS

Pairam sobre os destroços somnolentos
de Memphis sombras, de pavor pejadas
sobre as velhas muralhas derrocadas
passeiam livres os leões sangrentos...

Como uma orchestra de crueis lamentos,
galopam sobre as ruinas desoladas,
raivosos, em cyclopicas rajadas
fortes, rugindo, do deserto os ventos...

O velho Nilo uma serpente finge...
talvez sonhando os pristinos heróes
dorme, assombrando as solidões a Sphynge...

Ungem as sombras as visões e os gryphos...
Fazem lembrar os velhos pharaoes
as columnas tatuadas de hyerogliphos.

INTERLUNAR

Entre nuvens crueis de purpura e geranio,
rubro como, de sangue, um hoplita messenio
o sol, vencido, desce o planalto de uranio
do occaso, na mudez de um recolhido essenio...

Veloz como um corcel, vôando num mytho hyrcanio,
tremente, esváe-se a luz no leve oxigenio
da tarde, que me evoca os olhos de Stephanio
Mallarmé, sob a uncção da tristeza e do genio!

O onix das sombras cresce ao tragico declinio
do dia que, a lembrar piratas do mar Jonio,
põe, no occaso, clarões vermelhos de assassinio...

Vem a noite e, lembrando os Montes do Infortunio,
vara o estranho solar da Morte e do Demonio
com as torres medievaes as sombras do Interlunio...

ULTIMA FOLHA

... E o mais dos carunchosos manuscriptos
não se lê, pela traça que os carcome;
são paginas, talvez, feitas de gritos,
mas illegiveis no mais breve nome...

Vê-se, porém, que mãos e olhos afflictos
traçaram-nas chorando, á sêde e á fome
de beijos e de abraços infinitos,
em qualquer folha que nas mãos se tome...

A poeira de seculos de magoa
deu ás restantes folhas a tristeza
das ravinas e córregos sem agua...

E a traça a mesma antiga opacidade
da historia assyria; escripta na aspereza
dos marmores sem fim de Khorsabad...

Papeis Velhos. 9
O Mar..... 11
Ma—Tsu 13
Anjo Morto..... 15
Sinhá..... 17
Sacrificio... 19
Morte do Lirio..... 21
Soror Thereza..... 23
Bruxo..... 25
Cego e So..... 27
Castello Assombrado..... 29
A saudade..... 31
D. Mystica..... 33
Doce Bem..... 35
Salomè..... 37
Rosa Morta..... 39
Musa Impolluta..... 41
Santa 43
Ancia Innocente..... 45
O Amor..... 47
Sonho Alado..... 49
Olhos de Amor..... 51
Arte 53
Regresso de Maio..... 55
Romana 57
Bom Tempo 59
Caminho do Céo..... 61
A Tristeza..... 63
Mãe..... 65

Eterno Thema 67
Fugindo 69
Romantico 71
Suprema Gloria 73
Cavalleiro 75
Ave Erradia 77
Chromo 81
Meu Canario 83
A um Bebedo 85
Olhos Verdes 87
Noivando 89
Estrella Matutina 91
Cheia de Graça 93
Confidentes 95
Sarah 97
Vingança do Tiberio 99
Vesperal 101
Turris Eburnea 103
Satan 105
Poeta Saudade 107
Vermelho 109
Judeu Errante 113
Condessa de val de Lirios 115
Vencendo o Sahara 117
Chromos I 119
« II 121
« III 123
« IV 125
Maio 127
Crepusculares 129
Herval 133
Maio no Campo 135
Psalmos da minha Biblia 137
Venus 139

No horto de Gethsemani 143
Sinhá Dulce 145
Tela Aldea 147
Celeste 149
Ao Piano 151
Almas 153
Impassivel 155
Bacchante 157
Rubro 159
Na espiral do Inferno 161
Rainha do Mal 163
O oitavo Circulo 165
Sonhos 167
Poetas Malditos 169
Em Holocausto 177
Fabiola 179
Torre de Sonho 181
Entre o Céu e a Terra 183
No vale Amasonico 185
Evocações 187
Memphis 189
Internular 191
Ultima folha 193

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA